

APRESENTAÇÃO: E A GIRA SEGUE ESPLENDOROSA...

Tânia Mara Campos de Almeida¹

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v5i2.41360>

Mais uma vez, apresento um número especial da revista Calundu. Foi me dada a honra de abrir o seu número inicial, o VOL 01 N 01, no ano de 2017, quando um conjunto de manuscritos, entrevistas e outros materiais de grande relevância para o tema das religiões afro-brasileiras passou a ser por ela reunido, aportando questões, reflexões e inovações a esse campo no país. Todo esse precioso trabalho editorial vem se realizando por intermédio do significativo esforço coletivo do grupo de estudos, investigações e extensão interdisciplinar Calundu (<https://calundu.org/>), da Universidade de Brasília (UnB).

Com duas edições anuais, ininterruptas nestes cinco anos, belíssimas capas e contribuições na diagramação, seleção e revisão dos textos por parte das/os próprias/os integrantes do corpo editorial, a Calundu vem se constituindo enquanto um fórum de debates acadêmicos de alta qualidade e atraindo diferentes públicos. Mas isso vem ocorrendo não apenas a partir de argumentações sustentadas em teorias, conceitos e metodologias referendados pelos cânones da ciência moderna, como também a partir das sensibilidades e elaborações das/es autoras/es enquanto sujeitos de conhecimento vivencial dessa visão de mundo, perspectiva política e fé. Aliar produções em sua coleção oriundas da intersecção entre parâmetros da racionalidade ocidental moderna e de epistemologias decoloniais e críticas ao fazer científico eurocêntrico é um feito notável, só possível pela voz plural das novas gerações de estudantes ingressantes nas universidades brasileiras com o instituto das ações afirmativas raciais e sociais nos níveis graduados e pós-graduados e, também, das/dos participantes das comunidades de terreiro.

A revista Calundu dinamiza, assim, o cenário acadêmico em vários aspectos: na retomada do tema afrorreligioso na sociedade brasileira e latino-americana, que tinha perdido fôlego frente ao avanço dos movimentos evangélicos nas últimas décadas; nas perspectivas de reconstrução do saber científico de modo inclusivo e pluridiverso, revisando matrizes interpretativas e analíticas desses fenômenos; e, na evidência de que

¹ Pesquisadora e professora associada do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. Coordenadora do Grupo Calundu. Endereço eletrônico: taniamaraunb@gmail.com.

as/os que foram tratadas/os como meras/os objetos de pesquisa são agora legítimos pesquisadoras/es. Suas atuações acadêmicas não apenas impactam os *campi* e saberes universitários, assim como impactam as próprias comunidades de terreiro, que atualizam suas tradições e lançam ao futuro projetos de devir com suas expectativas de bem-comum e interação com o planeta na contramão da colonialidade moderna, do neoliberalismo, do racismo, do patriarcado e do classismo. Haja vista que a revista possui uma seção de depoimentos inéditos, com mães e pais de santo, mestras e mestres, dialogando com a sabedoria milenar sobre caminhos individuais e coletivos a serem trilhados na sociedade brasileira e no mundo contemporâneo.

Embora recente, a Calundu já tem ecoado em vários nichos de pensamento e galgado um prestigioso reconhecimento, estando indexada nas bases de dados do Latindex (Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal) e do DOAJ (Directory of Open Access Journals). Alguns de seus artigos contam com quase 7 mil acessos e, em uma projeção para sua classificação no Qualis Periódico da CAPES/MEC (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/ Ministério da Educação), seria considerada hoje uma revista no nível B4.

Há, portanto, muito a se comemorar e se registrar neste exitoso percurso de cinco anos. Nesse sentido, o atual número dedica uma seção particular a esse balanço histórico da revista, escritos por integrantes do grupo Calundu. Cinco são seus artigos, inseridos na seguinte sequência:

Da ausência à proposição: a formação do Grupo Calundu, assinado por Adélia Regina da Silva Mathias e Ariadne Moreira Basílio de Oliveira, narra e analisa o surgimento e a trajetória do Grupo Calundu, nela inserida a presente revista como uma de suas atividades centrais em meio a um cenário árido de iniciativas, discussões e reflexões sobre o religiões afro-brasileiras nas universidades do país.

Guilherme Dantas Nogueira, Maria Marcelina Cardozo Teixeira de Azevedo e Aisha Angele Leandro Diéne estão à frente de *Tradição Afrorreligiosa Brasileira Sob A Releitura De Iniciadas/os*. Por meio de ricas contribuições ao conceito de tradição calundzeira, o artigo apresenta sua origem e ressignificação no país, via a cultura afro-diaspórica. Além disso, aprofunda o aspecto de sua elaboração por ângulo metodológico, revisão bibliográfica e descrições a respeito das religiões afro-brasileiras, enquanto resultado coletivo dos estudos do Grupo Calundu.

Gerlaine Martini e Iyaromi F. Ahualli são as autoras de *Mulheres De Terreiro*. A atenção neste artigo volta-se para o remarcado papel das mulheres africanas, afrodiaspóricas, afrodescendentes e negras na consolidação das comunidades de povos tradicionais de terreiro de matriz africana. Suas argumentações perpassam o longo processo histórico de territorialização ocorrido a partir dos Calundus, Irmandades Negras e Candomblés no Brasil.

A discriminação contra religiões afro-brasileiras, um debate entre intolerância e racismo religioso no Estado Brasileiro, de Nathália Vince Esgalha Fernandes, traz um interessante levantamento dos sobre o tema inscrito em seu título. O fato dos textos desse tema publicados pela Calundu serem os mais procurados e baixados em relação aos demais trabalhos divulgados aponta para a centralidade que vem tomando nesse campo de preocupações, bem como demanda maior precisão a respeito do termo “racismo religioso”, como ora a autora realiza nessa revisão.

Na finalização dessa seção particular do número atual, tem-se “*Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje*”: *Caminhos para uma educação antirracista no Distrito Federal*, de Danielle de Cássia Afonso Ramos e Manuel Jesus Guerra Sepúlveda Neto. Voltam-se para o debate crítico necessário sobre redução da instituição escolar no que toca o tema das religiões afro-brasileiras e as pedagogias de terreiro na educação básica. Propõem a retomada da “pedagogia das encruzilhadas”, a partir de uma epistemologia decolonial e uma teoria exusíaca, tendo como pano de fundo a experiência da implantação da legislação sobre “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” na rede pública de ensino do Distrito Federal.

Na seção de textos externos, não inseridos na parte comemorativa deste VOL 05 N 02, três artigos figuram:

A autora de *Pensar nagô nos banhos: preâmbulos para a cura e a defesa da ferida colonial*, Raisal Inocencio Ferreira Lima, propõe introduzir uma leitura decolonial e inovadora da obra “Pensar Nagô, de Muniz Sodré, datada de 2017. Por meio das perspectivas críticas nela encontradas, referentes a uma filosofia complexa, e das práticas espirituais dos “banhos” nas religiões afro-brasileiras, a autora vê a potência de vida desenhada em um modo existencial para a cura e defesa da ferida colonial, ainda tão pungente na nossa sociedade.

O demônio são os outros: a discriminação ao candomblé como manifestação do racismo é de autoria de Cleilton Pazini Santana e André Filipe Pereira Reid dos Santos. Seu foco centra-se na análise das origens e formas expressivas constantes de racismo

religioso dirigido às religiões de matriz africana, do passado ao presente. Embora o Brasil seja oficialmente um país laico, cuja liberdade de crença é um dos seus princípios constitucionais, as opressões e os estereótipos oriundos do período escravocrata mantêm tais religiões em posição subalterna e discriminada na ordem social.

Ao partir do caso de discriminação ocorrido em 2018 em uma escola municipal brasileira que se referia ao livro indicado pelo MEC *Omo-Obá: histórias de princesas africanas*, de Kiusam de Oliveira, o artigo final deste número, *As religiões de matriz africana na literatura infanto-juvenil*, discute o racismo religioso para falar da discriminação atual dos grupos afro-religiosos. Além disso, as autoras, Luena Nascimento Nunes Pereira e Thais Teixeira Aguiar, aí empreendem uma análise de quatro livros de literatura infanto-juvenil que abordam temáticas afeitas a essas religiões.

Diante desse rico material, só me resta desejar que ele seja disseminado e bem aproveitado por muitas rodas de pensamento, intervenções e afeto, girando em sua força potente para fecundar mentes, corações e novas ações. Igualmente, por fim, resta-me saudar o Grupo Calundu e todo seu “axé”, desejando vida longa e próspera à Revista Calundu.

Brasília, 06 de dezembro de 2021.